

## DALCÍDIO JURANDIR: ESCRITOR CABOCLO MARAJOARA Caboclo Marajoara Writer

Antônio Carlos Teles da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho é parte de uma reflexão teológica sobre a culturalidade cabocla amazônica a partir da obra do escritor marajoara Dalcídio Jurandir. Partimos do pressuposto que, apesar da importância que a região amazônica adquiriu, o conhecimento sobre a região permanece limitado pelas rotulações que lhe foram atribuídas ao longo de sua ocupação. Entendemos esse processo como uma invisibilização histórico-cultural, que na prática, se traduz como invisibilização sócio-política. Dessa forma, esta elaboração centra-se na realidade humana amazônica, mais especificamente na culturalidade ribeirinha cabocla da região da Ilhas do Marajó. A revisibilização dessa culturalidade, dentro das intuições da teologia Latino-Americana, é uma contribuição para as lutas em defesa da região, de seu povo e seu ethos cultural. A vida e a obra de Dalcídio Jurandir são situadas em seu momento: a primeira metade do século XX, momento em que se consolida na Amazônia o sistema de exploração capitalista, com a consequente erosão do ethos cultural caboclo.

**Palavras chaves:** Dalcídio Jurandir, Amazônia, identidade cultural.

### ABSTRACT

This work is part of a theological reflection about *cabocla* Amazonian culture from the work of a marajoara writer Dalcídio Jurandir. We had started from the presupposition that, in spite of the importance that the Amazon region has acquired, the knowledge about the region (still) remains limited because of the labels that were attributed to it throughout its occupation. We had understood that the process is a historic – cultural invisibility, that in its usage, it is translated as a socio-politic invisibility. In this way, this elaboration is specifically in the riverain *cabocla* culture of the region of the Marajó Islands. The examination of this culture, inside of the intuitions of the Latin American Theology, is a contribution to the fights in defense of the region, of its peoples and its cultural ethos. The life and work of Dalcídio Jurandir are situated in his moment: the first half of the XX century, the moment in which it has consolidated, in Amazon, the capitalist exploration system, with the consequent erosion of cultural ethos of the acculturated Brazilian Indian *Caboclo*.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pelo PPGTeo/EST e Professor no DFCS da UEPA.

**Key words:** Dalcídio Jurandir, Amazon, cultural identity.

## Introdução

Dalcídio Jurandir Ramos Pereira (1909-1979), que assina seus livros apenas como Dalcídio Jurandir, assume plenamente a identidade cabocla marajoara. É central em toda sua obra esta auto-definição e a consciência de que cumpre uma tarefa a serviço daqueles que lhe são iguais, seus irmãos caboclos. “...o pequenino dom eu recebo como um privilégio, uma responsabilidade assumida, para servir aos meus irmãos de igapó e barranca”.<sup>2</sup> Aos 67 anos, já doente, concedeu uma entrevista na qual se auto-define literariamente:

Para início de conversa, ele não aceita o rótulo de romancista da Amazônia.

- Eu não gosto desse rótulo. Eu sou um escritor marajoara. É mais restrito, mais exato.

No entanto, exatamente porque soube aprofundar as realidades humanas da ilha do Marajó e de Belém do Pará, sua obra atravessa essa fronteira. É uma visão de toda a sociedade do extremo Norte. E, nesse sentido, é uma denúncia.<sup>3</sup>

Seu compromisso explícito é com o mundo e a realidade peculiar onde vive seu povo. Os modos de vida e a condição de existência do povo do Marajó são, ao mesmo tempo, matéria prima e razão ideológica de seu labor literário. A esse labor aplica-se de corpo e alma. “...o comprometimento do escritor, enquanto ator social, no desenvolvimento de suas escolhas linguísticas e textuais que podem estar vinculadas a um determinado ponto de vista ideológico”.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> MORAES, Eneida. Eneida Entrevista Dalcídio. *Asas da Palavra*, n. 04, p. 32-33, 1996, à p.33.

<sup>3</sup> TORRES, Antonio. Um Escritor no Purgatório. *Asas da Palavra*, n. 04, p. 28-30, 1996, à p. 29.

<sup>4</sup> CUNHA, Fausto. Elogios da Crítica. *Asas da Palavra*, n. 04, p. 10, 1996, à p.10.

Nas palavras de Fausto Cunha, não é necessário um guia ou um código para entender Dalcídio, pois ele está inteiro em suas obras<sup>5</sup>, nas quais explicita através de seus personagens, sua visão da vida e do mundo, suas opções ideológicas, suas paixões e também suas denúncias. Até sua morte em 1979 no Rio de Janeiro, manteve inarredáveis seus apegos à sua terra, à sua cultura cabocla marajoara e, principalmente seu compromisso com seu povo caboclo. Durante anos Dalcídio manteve correspondência saudosa com Maria de Belém Menezes, filha do poeta Bruno de Menezes. Da amiga recebia cupuaçu, pupunha e outros produtos típicos da Amazônia. Também recebeu um ramo de “Catinga de Mulata”<sup>6</sup>. Sua ligação com sua terra também se mantinha pelos sabores das frutas, das comidas regionais e pelos cheiros da mata, que o faziam reviver a infância e a juventude. “A catinga de mulata me servirá para rever o Pará quente nestas noites frias, me dando o poder de caminhar pelo Bosque<sup>7</sup> e comer Gurijuba<sup>8</sup> na proa de uma vigilenga”<sup>9</sup>.

Comi o cupuaçú comendo os dias de infância e juventude, aqueles dias que vieram com o doce. Muito comovido fiquei com o presente tão do Pará e, feito em casa! – o que enriquece mais a lembrança e multiplica a saudade das grandes manhãs chuvosas em que bebia o vinho de cupuaçu feito por mãos carinhosas, em lugar remoto e sempre perdido. O doce me deu a alegria de quem retorna à juventude. Foi, num minuto, um milagre de ressurreição. Agradeço-lhe com a mão no peito...<sup>10</sup>

A amiga reproduz fielmente a consciência e o sentimento profundo de Dalcídio em relação à exploração capitalista de sua terra, do Pará, do Marajó e da Amazônia. Provavelmente ainda na década de 1960, antes que se falasse em consciência ecológica ou ambiental, Dalcídio Jurandir antevê o desastre que se

<sup>5</sup> INOSTROZA, Elias T. H. **Marajoando nas Águas do Fogo**, Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem, 2005, p. 41.

<sup>6</sup> Erva aromática da Amazônia, muito usada em banhos e festas.

<sup>7</sup> Bosque Rodrigues Alves, atual Jardim Botânico de Belém.

<sup>8</sup> Peixe típico da região.

<sup>9</sup> MENEZES, 1996, p. 20.

<sup>10</sup> MENEZES, 1996, p. 21.

inicia sobre a Amazônia. Suas palavras soam profeticamente como revolta e denúncia ante a ameaça de destruição e erosão de suas raízes.

Enviei-lhe certa vez um rótulo bilíngue de um vidro de conserva de palmito, e a resposta veio veemente: “O rótulo, em inglês e francês, do palmito de açaí, mostra que a civilização do enlatado entrou definitivamente em nossa selva. Vamos comer palmito em inglês e francês, e abandonamos a bárbara bebida de nossos avós. O rótulo é símbolo do desmatamento da Amazônia, entregue, agora, às serrarias de madeira, às pastagens, aos magnatas americanos. O pajé some, o açaí some...É meu temor essa civilização do saque, da derrubada, do palmito...A floresta está indefesa. O que se quer é arrancar lucros imediatos, é o progresso urgente e inumano, é o enriquecimento a qualquer preço”.<sup>11</sup>

## A Obra

A obra de Dalcídio Jurandir é composta por 11 romances publicados entre 1941 (*Chove nos Campos de Cachoeira*) e 1978 (*Ribanceira*), além de grande número de artigos e entrevistas, fruto principalmente de sua atividade jornalística. A primeira versão de *Chove nos Campos de Cachoeira* é de 1929. Excetuando “*Linha do Parque*”, - romance sobre as lutas dos operários no porto de Rio Grande no Rio Grande do Sul em 1950, os demais dez livros compõem o que Benedito Nunes chama de “Ciclo romanesco” e que para alguns críticos constitui o “Ciclo Extremo Norte”, caracterizado precisamente pela ligação de cada um dos romances com os demais. Compõem o ciclo: “*Chove nos Campos de Cachoeira*” (1941), “*Marajó*” (1947), “*Três Casas e um Rio*” (1958), “*Belém do Grão Pará*” (1960), “*Passagem dos Inocentes*” (1963), “*Primeira Manhã*” (1968), “*Ponte do Galo*” (1971), “*Chão dos Lobos*” (1976), “*Os Habitantes*” (1976) e “*Ribanceira*” (1978).

O chão de Dalcídio é a Amazônia decadente após o auge do ciclo econômico da borracha, que inundou a região com um surto de progresso ilusório.

Ele desvela o vazio de um modelo econômico; no vazio deixado pela queda de um ciclo econômico trafegam suas personagens e no

<sup>11</sup> MENEZES, 1996, p. 20-21.

memorialismo de alguns recuperamos o auge desse ciclo já extinto; nas ruínas desse tempo um de seus protagonistas (Eutanázio) termina um trajeto entre o ego e o mundo e outro (Alfredo) inicia, para depois amadurecer, sem completar, um transcurso de aquisição de consciência social, identificando-se com as camadas populares desse universo depauperado.<sup>12</sup>

Durante o período de cerca de quarenta anos entre 1939 e 1979, em que publicou seus romances, Dalcídio teve poucos problemas com a censura, apesar de sua militância esquerdista e de ter iniciado e terminado sua trajetória sob regimes ditatoriais: de Getúlio Vargas (1937-1945) e do regime militar (1964-1984). Iniciando sua carreira literária na ditadura de Vargas, a obra de Dalcídio atravessa várias fases da literatura brasileira, e mesmo tendo publicado seu primeiro romance na chamada segunda fase do Modernismo brasileiro, torna-se difícil enquadrá-la historicamente dentro de uma determinada escola. A obra em si, por seu caráter inovador, recusa-se a pertencer de forma exclusiva a uma determinada “gaveta” ou rótulo da literatura nacional. Marli Furtado destaca essa dificuldade em situá-lo dentro de alguma linha literária específica:

Dalcídio era voltado à reflexão, por isso a reinterpretação da tradição literária existente, tanto em relação à Amazônia, quanto em relação ao país, parece que foi a tônica em seu pensamento. Possivelmente provém dessa tendência dalcidiana de reinterpretação do tradicional em nossas letras a dificuldade em enquadrar a obra **Extremo Norte** em alguma gaveta rotulada da literatura brasileira.<sup>13</sup>

O que fica evidente é que se afasta claramente do naturalismo tão em voga entre os autores nacionais das primeiras décadas do século XX. O rigor descritivo, o gosto pelo exótico, a influência evolucionista de Darwin, características presentes na literatura da metade do século XIX e início do século XX, em Dalcídio são substituídas por um interesse acentuado pelo ser

<sup>12</sup> FURTADO, Marli. Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir. **Asas da Palavra**, n. 17, Belém: UNAMA, p. 96-107, 2004, à p. 103.

<sup>13</sup> FURTADO, 2004, p. 102. Grifo original.

humano, que, mesmo primando pelas análises psicológicas dos personagens, tem como traço definidor as relações entre as condições sociais e de classe e a subjetividade.

A técnica utilizada por Dalcídio Jurandir em sua obra quebra o tom naturalista a que se associa muito do que foi produzido no Brasil dentro dessa linha. O jogo com o tempo, a mistura de vozes, os monólogos interiores, tudo o que ajuda no traço da simultaneidade presente em suas narrativas, as distancia do naturalismo.<sup>14</sup>

Porém, sem muito rigorismo, é possível identificá-lo como pertencente ao movimento modernista, principalmente em sua segunda e terceira fases. A segunda fase (1930-1945), que coincide com o momento inicial da composição dalcidiana, é considerada como o momento de consolidação do movimento. Mesmo levando em conta as dificuldades apontadas por Marli Furtado em enquadrar a obra de Dalcídio dentro de uma escola específica, observamos claramente que a libertação estética, a experimentação, o rompimento com o tradicionalismo e a busca de independência cultural são características modernistas indubitavelmente presentes na obra dalcidiana, que igualmente expressa a contestação ao formalismo tradicional, tanto na estética quanto na literatura. Desse modo, o escritor marajoara insere-se também no espírito inovador que se insurge na Semana de Arte Moderna de 1922.

Um outro elemento do modernismo que podemos identificar em Dalcídio Jurandir é sua preocupação com o povo em suas raízes mais profundas. O sentimento de brasilidade na busca de uma arte verdadeiramente nacional traz à tona os retratos do povo comum. Ao lado do mestiço, dos favelados, dos proletários, também o caboclo ribeirinho é retratado, colocando pela primeira vez a arte e a literatura com uma função pública e política perante a sociedade.

---

<sup>14</sup> FURTADO, 2004, p. 102.

Isso significa também a valorização da cultura popular, analisada a partir de novos paradigmas, incorporando o passado e as tradições nacionais, não como elementos estáticos, mas como ferramentas da criação. Dessa forma, o passado, a tradição, o primitivo, como fontes de um lirismo original, passam a ser incorporados aos novos elementos modernos num processo de “devoração antropofágica”, criando uma nova perspectiva cultural, sintetizada por Oswald de Andrade no “Manifesto antropofágico”.

A segunda fase do movimento modernista distinguiu-se de algumas ênfases da primeira fase. Mas principalmente acentua sua preocupação com os problemas da realidade brasileira.

O modernismo logo tomara outros rumos, distanciando-se das ousadias desse primeiro momento. Vencidos o experimentalismo, a apologia do novo e as brincadeiras com a linguagem, os escritores do segundo momento do modernismo vincularam seu trabalho às diversas realidades brasileiras, cujos problemas passaram a discutir.

[...] os romancistas incorporaram a temática regional num processo de recriação artística que privilegiou o engajamento político e a denúncia das desigualdades socioeconômicas.<sup>15</sup>

E ainda sobre a distinção da segunda fase, Ulisses Infante acentua a busca de amadurecimento do movimento. “A partir de 1930, as atitudes de rebeldia e transgressão da geração de 22 são substituídas por uma nova mentalidade literária: é o momento de construir uma literatura adulta, consciente de sua própria identidade”.<sup>16</sup>

Essa preocupação com a realidade nacional e regional estão vivamente retratados nos romances de Dalcídio. Os contrastes e dicotomias entre o antigo e o novo, entre o tradicional e o moderno se refletem na sua descrição da decadência amazônica, pós-ciclo da borracha, como acentua Marli Furtado.

---

<sup>15</sup> PEREIRA, Helena Bonito. **Literatura. Toda a Literatura Portuguesa e Brasileira**. São Paulo: FTD, 2000, p. 386.

<sup>16</sup> INFANTE, Ulisses. **Curso de Literatura da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione. 2001, p. 497

Graças à deglutição das dicotomias local x universal, popular x erudito, urbano x rural, Dalcídio conseguiu reconstruir de maneira sobretudo poética o processo de decadência (mas também de resistência) de uma região e de seus habitantes, causado pela ganância do capitalismo aliado a uma estrutura arcaica de relações sociais.<sup>17</sup>

## Regional e universal

A pouca atenção recebida por Dalcídio Jurandir se deve também ao equivocado enquadramento em que boa parte da crítica o situa, numa dimensão literária meramente regional, ou mesmo como representante de um “regionalismo menor” segundo Alfredo Bosi.<sup>18</sup> Ainda Marli Furtado reconhece a óbvia dimensão regional, porém não como uma caracterização impositiva e afirma o caráter inegavelmente universal do ciclo.

Como os bons autores dos decênios de 30 e 40, Dalcídio Jurandir transcende a fronteira do mero enquadramento como escritor regionalista menos pelo enfoque do regional do que pela análise crítica das relações sociais, ao plasmar heróis agônicos em tensão contínua, seja com o universo derruído em que se encontram, seja com eles mesmos, devido às dores universais humanas.<sup>19</sup>

Gunter Pressler penetra mais profundamente nesta questão ao perguntar sobre que conseqüências para a cultura e logicamente para a literatura traz a reflexão do indiano Homi Bhaba<sup>20</sup> sobre o “local da cultura”. Pressler apóia-se na proposta de Walter Benjamin<sup>21</sup>, de atualização mediante a releitura da história dos vitoriosos a partir da perspectiva dos vencidos. “Além das releituras eruditas dos textos dos „vencedores”, onde está a contribuição

---

<sup>17</sup> FURTADO, 2004, p. 106.

<sup>18</sup> PRESSLER, Gunter K. A Nova Recepção da Obra de Dalcídio Jurandir. **Asas da Palavra**, n. 17. Belém: UNAMA, p. 121-128, 2004, à p. 123.

<sup>19</sup> FURTADO, 2004, p. 102.

<sup>20</sup> Autor de origem Indiana. Leciona nos Estados Unidos e na Inglaterra. Desenvolveu a noção de hibridismo cultural dentro de seus estudos sobre o colonialismo. Considera o hibridismo como uma ameaça ao imperialismo cultural. Fonte site <http://www.ufrgs.br/cdrom/bhabha/comentarios.htm>. Acesso em 08/01/2010.

<sup>21</sup> Walter Benjamin (1892-1940). Crítico literário alemão, de origem judaica, ligado à Escola de Frankfurt. ver cap. IV.1. b.

do vencido brasileiro? Do crítico literário brasileiro, do emigrante vencido e do nativo vencido, do indígena, do caboclo, do negro, do mulato?”.<sup>22</sup>

Os personagens dalcidianos são habitantes de uma periferia do mundo e refletem as dores sociais e dramas existenciais de caráter universal. Personagens que, na sua individualidade, expressam o coletivo nortista, brasileiro e também universal.

É mais do que uma introspecção de Eutanázio; é a sondagem existencial de um grupo de seres humanos: os ribeirinhos do interior do Pará, a amazônida, os habitantes da Ilha de Marajó – mas no modo de apreensão artística de Jurandir, reconhece-se a ligação dialética entre o coletivo e o individual. O coletivo [...] concretiza-se no indivíduo social e, como isso, depende do social que é uma questão do poder econômico e político; o abandono do interior pelo dono do interior que 39 vive na cidade grande, na metrópole [...] O grito na obra de Dalcídio Jurandir é [...] o grito existencial diante do vazio do abandono, do abandono ribeirinho, o grito de um sujeito saindo da “existência *inautêntica* de Heidegger, mergulhada no anonimato coletivo”.<sup>23</sup>

A pergunta de Pressler é se esse sentido regional não pode ser justamente o fator de renovação da literatura nacional, como propõe o próprio projeto modernista. O regionalismo é uma expressão do discurso a partir da metrópole. Assim Portugal designou a Amazônia e o Brasil, da mesma força assim se reproduz a Amazônia a partir do sudeste e seus interesses. “A metrópole denomina o regional; o regionalismo é uma expressão literária de outros ‘locais da cultura’”.<sup>24</sup>

## A recepção

---

<sup>22</sup> PRESSLER, Gunter K. Dalcídio Jurandir - Escrita do Mundo Marajoara não é regional, é universal. In: LEITE, Marcus. (Org.) **Leituras Dalcidianas**. Belém: UNAMA. 2006, p. 10-11.

<sup>23</sup> PRESSLER, 2006, p. 12.

<sup>24</sup> PRESSLER, 2006, p. 13.

As edições dos romances de Dalcídio Jurandir ocorreram de forma fragmentada. Divulgação e distribuição também padeceram de precariedade, da mesma forma as reedições jamais foram realizadas com regularidade, principalmente pelo não cumprimento de contratos de publicação. Todos esses fatores também contribuíram para a invisibilização já mencionada, fazendo com que a recepção da obra pelo grande público jamais estivesse à altura da sua envergadura e do seu significado. Dessa forma, o grande público leitor ficou no desconhecimento da obra produzida no extremo norte do país, portanto fora do circuito de maior circulação editorial, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

Somente a partir de 1984, com a tese de mestrado de Enilda Tereza Alves, “Marinatambalo: construindo o Mundo Amazônico com apenas Três Casas e um Rio”, defendida na PUC/RJ<sup>25</sup>, Dalcídio passou a receber maior atenção de estudiosos, tornando-se tema de inúmeros estudos, dissertações e teses, em alguns pontos do país, principalmente em Belém do Pará e no Rio de Janeiro. Como alguns exemplos: “Dalcídio Jurandir: Re-Velação de Norte e Sul”, tese de doutorado de Olinda Batista Nogueira, defendida na UERJ em 1991; “Universo Derruido e Corrosão de Herói em Dalcídio Jurandir”, tese de doutorado de Marli Furtado na UNICAMP em 2002; “Singularidade e Exclusão: O Romance „Chove nos Campos de Cachoeira“, de Dalcídio Jurandir”, dissertação de mestrado de Ruy Pinto Pereira (sobrinho de Dalcídio) defendida na UERJ em 2004. Também no exterior, Pedro Maligo, professor da Universidade de Michigan, chamou a atenção pelo estudo “Ruínas Idílicas, a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir”.

Também são marcos relevantes na nova recepção da obra dalcidiana e que de alguma forma retomam a visibilização do autor, o Colóquio Dalcídio Jurandir: “60 anos de Chove nos Campos de Cachoeira”, realizado em Belém

---

<sup>25</sup> Apud PRESSLER, 2004, p. 123.

em julho de 2001, com a participação de pesquisadores como Paulo Nunes, Benedito Nunes, Ernani Chaves, Josse Fares, Arthur Borgéa, dentre outros. Em 2003 foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto Dalcídio Jurandir, vinculado à casa de Ruy Barbosa, onde se encontra o acervo do escritor, que hoje é coordenada por seu Filho José Roberto Pereira. Destacam-se outros eventos como o I Encontro ABRALIC na Amazônia, em 2002 e a VII Feira Pan-Amazônica em 2003, nas quais Dalcídio Jurandir recebeu destaque.

Entre 09 e 16 de janeiro de 2009 inúmeros eventos festejaram o centenário de nascimento do escritor, com vasta programação em Ponta de Pedras, Cachoeira do Arará e Belém, assim como no Rio de Janeiro e em Niterói. Visitas ao Marajó, encontros literários, shows musicais, peças teatrais e debates marcaram o centenário de Dalcídio Jurandir, trazendo esperança de revisibilização e reconhecimento.

A profundidade com que Dalcídio Jurandir retrata a cultura popular do Marajó, incluindo suas lendas e mitos, faz muito mais do que uma descrição, mas um resgate fundamental para a preservação da cultura amazônica marajoara. Isso nos sugere que sua obra significa uma importantíssima transição da oralidade para o texto escrito. Anderson Rodrigues observa, em relação à cultura ribeirinha, que esta:

...mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. Dessa forma, predomina a transmissão de informação oralizada, ou seja, os mitos, a maneira como por eles é visto o mundo, as crenças, a(s) religião(ões), tudo é repassado de geração para geração via oral. [...] nesse ambiente a expressão cultural é densamente representativa da cultura amazônica.<sup>26</sup>

Essa transição tem um significado vital diante da preocupação explícita de Dalcídio quanto à evidente e acelerada erosão cultural pela qual já passava a Amazônia nas primeiras décadas do século XX. O choque produzido pelo contato com outras expressões culturais produz uma “ruptura no processo de construção

<sup>26</sup> RODRIGUES, Anderson L. C. “Chove nos Campos de Cachoeira”, de Dalcídio Jurandir e o Ciclo da Borracha. **Asas da Palavra**, n. 17, p. 49-55, 2004, à p. 50.

da identidade amazônica”<sup>27</sup> Ao representar poeticamente essa cultura oral, a literatura dalcidiana se torna cultura de resistência.

### **Invisibilização**

*Chove nos campos de Cachoeira/ E Dalcídio Jurandir já morreu  
Chove sobre a campa de Dalcídio Jurandir/ E sobre qualquer outra  
campa  
A chuva não é um epílogo,/ Tampouco significa sentença ou  
esquecimento...*

Carlos Drummond de Andrade, “Canções do Alinhavo”.<sup>28</sup>

Amigo de Oscar Niemeyer, que quer oferecer-lhe um monumento, admirado efusivamente por Jorge Amado, chorado em morte por Carlos Drummond de Andrade, Dalcídio Jurandir permanece, porém, praticamente desconhecido do público leitor nacional. Mesmo que a crítica especializada<sup>29</sup> atual o coloque no mesmo patamar dos grandes nomes do cânone nacional, com Graciliano Ramos, Jorge Amado ou Cecília Meireles, Dalcídio mantém-se num incômodo anonimato literário. É inevitável tentarmos compreender as causas dessa invisibilização, tendo-a como paralela à própria invisibilização histórico-cultural da região amazônica. Parece-nos que a resposta a esta questão vai muito além de seu temperamento arredo às badalações sociais, sendo resultado de uma convergência de fatores, tanto de ordem pessoal quanto conjuntural.

A não articulação, na época, de um trabalho efetivo de divulgação e marketing literário, a vaidade elitista e competitiva reinante nos círculos

<sup>27</sup> RODRIGUES, 2004, p. 50.

<sup>28</sup> Citado em *Asas da Palavra*, n. 17, p. 06.

<sup>29</sup> Como Egídio Squeff, Haroldo Bruno, Homero Homem, Luis Câmara Cascudo, Benedito Nunes, José Cândido Carvalho, entre outros. Ver *Asas da Palavra*, n. 17, p. 10.

literários locais e nacionais, (pode um “caboclinho escroto”<sup>30</sup> ganhar um prêmio de repercussão nacional?). Mas, principalmente, a própria discriminação da região por parte dos centros hegemônicos enquanto história e cultura podem ser citados como fatores que legaram a Dalcídio Jurandir, enquanto vivo, essa invisibilização literária. Porém, o próprio Dalcídio revela consciência de que sua obra, por sua natureza e estrutura, dificilmente se tornariam best-sellers, com aceitação maciça do grande público.

Eu não sou um escritor de grande público. Os meus livros não têm o principal encanto das grandes tiragens, que é essa habilidade de fazer o leitor ser atraído pelo enredo, pelo desenvolvimento da urdidura. Eu me fixo muito na linguagem, nos vagares da narrativa, no ritmo lento das cenas.<sup>31</sup>

O escritor faz um revelador depoimento sobre as condições em que compunha suas primeiras obras sob a título de *Tragédia e Comédia de um Escritor do Norte*, prefácio da primeira edição de *Chove nos Campos de Cachoeira*. Sua luta pessoal pela sobrevivência, entre carências materiais e embates ideológicos, torna seu trabalho literário uma extensão de sua vivência. Em meio às misérias do dia a dia vai incessantemente colhendo material, fazendo anotações, perscrutando o humano de uma região carente de tudo:

Roemos uma chepa fazendo os romances. Depois o dinheiro custava a vir. Esperávamos as canoas de Belém. Uma era a “Antuérpia”, e a outra era “Vila de Salvaterra”. Esperávamos angustiados. Tínhamos a camaradagem do Valdemar cavando no boteco pra salvar o capitalzinho, do Veloso da mercearia, do David Paulo, de Soure, da família Blá. Saí de lá com os dois romances mas fiquei devendo dois meses de casa, a sessenta mil por mês, e cento e quarenta mil no Veloso, que ainda não pude pagar. Por essa época – me lembro de certa noite que dormi no chão porque a rede já não prestava mas o dinheiro não havia para comprar uma nova.<sup>32</sup>

Na própria adversidade das condições Dalcídio encontra temas de reflexão, alguns inusitados pela percepção retirada da experiência cotidiana,

<sup>30</sup> Termo cunhado em uma conversa informal com Paulo Nunes.

<sup>31</sup> TORRES, 1996, p. 29.

<sup>32</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Tragédia e Comédia de um Escritor do Norte... Asas da Palavra*. n. 04. 1996, p. 14-15.

como o “Peixe Frito”. Por sua inspiração, nasceu em Belém a “Confraria do Peixe Frito”, formada por escritores, poetas e intelectuais de Belém, que, na década de 40, se reuniam nas barracas do Ver-o-pêso<sup>33</sup> para comer peixe frito e discutir os assuntos do momento.

Ah! É notável a influência do peixe frito na literatura paraense! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-o-pêso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não tem o almoço comprado em casa. Ao chegar o meio dia, o pobre se tem a felicidade de haver arranjado dois mil réis leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito.<sup>34</sup>

Também no texto citado, e escritor narra a aventura de última hora para conseguir enviar o texto de *Chove nos Campos de Cachoeira* para o Concurso D. Casmurro, da Editora Vecchi, em 1940, do qual se tornaria vencedor.

Então Guiomarina, minha mulher, doente como se achava, se dispôs a datilografar o romance. [...] doente, em quinze dias passou a limpo o romance. Foi uma obstinação. Ela queria que eu mandasse a pulso o romance para o concurso. Por isso que todo o sucesso eu devo a ela.

Mas faltava o dinheiro para mandar o livro pelo avião. Só havia três dias de prazo. E com o Mário Couto fomos cavar entre amigos o dinheiro. Paulo Mendes e Stélio me deram dez mil. Jorge Malcher cinco. E eu tinha vinte. Fui à Panair expedir o livro como encomenda por ser mais barato. Mas me disseram que não se fazia mais encomenda. Olhamo-nos eu e Mário, desalentados. [...] Não queria voltar pra casa com o livro debaixo do braço e vê-la triste, sabendo que todo trabalho havia sido inútil. [...] Cavamos mais dez e fomos ao correio. Entrei na bicha e esperei a minha vez. Tinha o dinheiro na mão e aflito porque não sabia de certeza quanto era a taxa. Se fosse mais? Esperei meia hora na bicha para chegar ao guichet e ouvi do funcionário que a taxa era tanto e o dinheiro não dava. E me olhou com uma tal superioridade funcional que saí, humilhado. E eu era a desolação em figura. Faltavam vinte mil réis e onde eu ia encontrar esses vinte mil réis? Pensei no personagem do “Chove” e saí com o Mário, atrás dos vinte mil réis. Vimos na confeitaria Central o pintor Barandier da Cunha e Oswaldo Viana, meu amigo e uma das figuras mais expressivas nos meios de Belém. Eles nos deram os vinte. Corremos, faltava meia hora para fechar a mala. Entrei na bicha, suando e pensando em Guiomarina, em casa, esperando o resultado do trabalho. E mandamos o volume no porte

<sup>33</sup> Tradicional feira e mercado popular em Belém.

<sup>34</sup> JURANDIR, 1996, p. 15.

simples, sem recibo, para um rumo incerto, podendo nunca mais chegar ao DOM CASMURRO. Isso tudo humilha a gente. Conto tudo isso para mostrar como é que se escreve no Brasil.<sup>35</sup>

Dalcídio revela a discriminação sofrida por sua origem e condição sócio-econômica. “Conheço profundamente esse drama. Sempre fui empregadinho público como me chamou certo imortal (da Academia de Letras do Pará), morando numa barraquinha na São João, com a família e perseguido pelos camisas verdes.”<sup>36</sup> Há uma forte consciência do elitismo discriminatório presente nos meios intelectuais locais. Esse elitismo é marcado pela postura culturalmente subalterna ao que vem de fora, que Dalcídio inúmeras vezes denuncia nos romances. Toda noção de progresso e civilidade, toda concepção de desenvolvimento, e também todo sentimento de felicidade se submete aos modelos importados. O que é bom e belo sempre haverão de vir de fora, como comenta Rodrigues referindo-se a Paes Loureiro sobre a “rejeição da condição cabocla”.<sup>37</sup> Uma submissão cultural que não se limita à população pobre e inculta, mas principalmente, e de forma mais exacerbada, atinge as chamadas elites intelectuais. Ficam explícitos aqui o inconformismo e o drama identitário que marcam tanto a vida quanto a obra de Dalcídio Jurandir.

Parece-nos claro, portanto, que as opções literárias e ideológicas de Dalcídio devem ser compreendidas em relação a esse drama identitário íntimo. Sua consciência de classe, no sentido marxista, se associa à essa necessidade íntima de uma resposta existencial a esse drama. Desde muito jovem torna-se um leitor obstinado e pesquisador disposto a cavar suas razões até as últimas conseqüências. Tem acesso aos autores clássicos, portugueses e brasileiros, como Fialho, Castilho, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Cruz e Souza, Balzac e Cervantes. Deste último, lê Dom Quixote durante seu aprisionamento em 1935 (ver quadro cronológico). Fica explícita sua obstinação em penetrar o íntimo da subjetividade humana e extrair disso o fundamento de sua opção ideológica.

<sup>35</sup> JURANDIR, 1996. *Asas da Palavra* n. 04, p. 15-16.

<sup>36</sup> JURANDIR, 1996. *Asas da Palavra* n. 04, p. 15.

<sup>37</sup> RODRIGUES, 2004, p.52.

Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heróico, o dia a dia da vida marajoara, vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de todo mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária.<sup>38</sup>

É dessa obstinação pelo humano que brota um dos traços mais marcantes de toda a sua obra, o mergulho na culturalidade amazônica e mais especificamente marajoara. Suas meticulosas observações sobre modo de vida, os hábitos, as visões de mundo, os sonhos, os dramas individuais e coletivos, são a farta matéria prima a partir da qual o autor marajoara elabora seus romances. São, nas palavras de Jorge Amado, “o barro do princípio do mundo do grande rio...”<sup>39</sup>

É neste sentido que toda a obra de Dalcídio é uma grave denúncia contra a erosão desse ethos cultural em nome do progresso e da civilização (ver cap. 4. II). Ainda em meados do século XX, o escritor já percebe a natureza predatória da invasão das relações capitalistas na Amazônia. Para Dalcídio o progresso é ilusório por destruir os modos tradicionais de vida e convivência com a natureza, por oprimir o humano, e aumentar a desigualdade.

Uma das coisas que eu considero válidas na minha obra é a caracterização cultural da região. [...]

Os meus livros, se nada valem, valem por serem o documentário de uma situação que ainda tinha caráter cultural. Hoje, com a invasão do rádio de pilha, da televisão, os costumes estão mudando. Os meus livros ficaram como um instrumento de nostalgia, o registro de uma cultura que está sendo destruída pela invasão da Amazônia. Uma espécie de destruição sistemática dos costumes, sem fixar o progresso, sem dar benefícios às populações. O quadro cultural está mudando. Mas o quadro de pobreza e exploração persiste. A

---

<sup>38</sup> TORRES, 1996, p. 28.

<sup>39</sup> AMADO, Jorge. Discurso de Jorge Amado, proferido na Academia Brasileira de Letras, na entrega do prêmio Machado de Assis. In: **Asas da Palavra**. Em 13/07/1972, n. 04, p. 17, 2004, à p. 17.

situação social e humana vai para pior. Existe o progresso técnico, mas para destruir, para manter a exploração.<sup>40</sup>

Observarmos o dilema pessoal do escritor entre o desalento pessimista e a esperança. Ele considera seus romances um instrumento de resistência contra a desumanização e a destruição. É nesse compromisso íntimo que encontra suas razões ideológicas, que ao mesmo tempo em que denunciam, também proclamam a possibilidade de reações do ser humano. “Diante dessa invasão, como reagirá o homem? [...] – Talvez ele tenha uma vitalidade, uma solidariedade capaz de reagir a esse desmatamento cultural. Eu tenho esperança. [...] Um pessimismo com esperança”.<sup>41</sup>

Dalcídio atribui suas opções políticas e ideológicas a esse compromisso íntimo com seu povo e sua cultura. É nessa realidade sofrida de sua própria origem que o escritor busca suas razões. “...para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão”<sup>42</sup>. Dessa forma rompe com qualquer pseudo-isenção e assume plenamente o caráter militante de sua obra. Trata-se de um escritor que toma partido explicitamente pelos mais fracos, pelos que sofrem, “...uma responsabilidade assumida, para servir aos meus irmãos de igapó e barranca”.<sup>43</sup>

Essa opção de corpo e alma Dalcídio revela na entrevista citada a Eneida de Moraes em outubro de 1970.

Meus romances, sim, tomam partido. Sou um pequeno escritor de estritos, indeclináveis compromissos. Estes me dão a liberdade que necessito, pois ser um pouco livre é muito difícil. Minha visão do mundo não se inspira em Deus nem no Demônio, nem no Bem nem no Mal, mas nesta vida em movimento, em que há classes sociais em luta, etc. Precária e miúda, seja, mas me ajuda a ver homens, coisas, paixões, a História, o quotidiano anônimo, o efêmero, a eternidade...Eu me prezo, honradamente em ser bem parcial.<sup>44</sup>

---

<sup>40</sup> TORRES, 1996, p. 29.

<sup>41</sup> TORRES, 1996, p. 29.

<sup>42</sup> MORAES, 1996, p. 32-33.

<sup>43</sup> MORAES, 1996, p. 33.

<sup>44</sup> MORAES, p. 33.

## A militância

Em 2 de junho de 1935, um domingo, uma pequena multidão reunia-se na Praça da República em Belém. Ao redor do monumento consagrado à República, a multidão ouvia atentamente os discursos do primeiro comício da Aliança Nacional Libertadora, ANL, no Pará. O terceiro orador foi o funcionário público Dalcídio Jurandir, então com 24 anos e que assumia publicamente suas ideias esquerdistas. Como escritor, já colaborava com as revistas *Guajamirim* e *A Semana*<sup>45</sup> e ainda com o jornal *Estado do Pará*, participando ativamente da luta contra o fascismo e o integralismo.

A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi criada em março de 1935, tinha como seu grande líder o legendário Luis Carlos Prestes. Era inspirada na proposta das frentes populares da Europa, e opunha-se a nível internacional ao avanço do nazifascismo. Várias correntes políticas compunham a ANL, como socialistas, comunistas, católicos e liberais. Exercia aberta oposição à ditadura de Vargas que tinha notórias simpatias ao nazifascismo. A ANL defendia abertamente as causas populares e nacionalistas contra o imperialismo e o latifúndio.

Num depoimento publicado recentemente pela revista paraense *PZZ*, o líder comunista João Amazonas diz ter sido filiado ao Partido pelo jovem escritor Dalcídio Jurandir, quando trabalhava na Fábrica de massas Palmeira, em Belém. Nas próprias palavras de João Amazonas:

Cheguei em casa num domingo, em abril de 1935, e como de costume fui deitar após o almoço, já que era nossa folga. Levei o jornal, deitei-me na rede e comecei a ler. De repente, vi: „Aliança Nacional Libertadora é comunista“ – esse era o título de uma notícia sobre um comício que a ANL tinha feito no Rio de Janeiro sobre o qual havia ocorrido intervenção da polícia. Abaixo uma notinha dizia: „Hoje, comício da ANL no Largo da Pólvora, em Belém“. Desisti de dormir, botei o jornal de lado, vesti-me e fui

<sup>45</sup> Revistas existentes em Belém à época.

correndo para o comício. Devia ser umas quatro horas da tarde (...) No outro dia saí da fábrica (...) Encontrei o Partido. E ali apareceu o Dalcídio Jurandir, um escritor interessante e um jovem combatente também. Perguntou-me se eu não queria entrar para a juventude comunista. Disse que sim, que estava lá para entrar para o Partido (...) Passei uns 15 dias na juventude, e então eles resolveram que eu deveria entrar para o Partido, pois trabalhava numa fábrica que tinha muitos operários.<sup>46</sup>

O acirramento da luta política entre a frente de esquerda e o movimento integralista de Plínio Salgado, radicalizava as camadas médias da população, tornando a situação cada momento mais violenta e perigosa. Desde 1934, o Integralismo desenvolvia intensa campanha anticomunista, denunciando os males que o comunismo poderia trazer à sociedade. Um dos folhetos anticomunistas da época fazia explicitava as acusações:

O que o Integralismo combate é o regime comunista, que pretende: ESCRAVIZAR NOSSA PÁTRIA COMO COLÔNIA DA RÚSSIA SOVIÉTICA; DEGRADAR AS MULHERES E DESTRUIR A FAMÍLIA PELO AMOR LIVRE; TRANSFORMAR DEUS EM BONECO FANTASIADO.<sup>47</sup>

Após a decretação da Lei de Segurança Nacional pelo governo em 1935, em julho, quatro meses após a sua fundação, a ANL foi colocada na ilegalidade. Os movimentos de esquerda agregados em torno da ANL organizaram levantes armados em vários pontos do país, movimento que ficou conhecido como Intentona Comunista de 35. O governo passou a exercer forte repressão, conseguindo sufocar rapidamente as revoltas, instaurando o estado de sítio e a pena de morte no país.

No Pará a perseguição política levou a grande número de prisões, incluindo a liderança da ANL, entre eles os líderes João Amazonas, Pedro Pomar, Henrique Santiago e Dalcídio Jurandir. Esse período de aprisionamento durou cerca de dois meses, durante os quais Dalcídio leu Dom Quixote, de

<sup>46</sup> PARÁ, Carlos. O Chão Vermelho de Dalcídio Jurandir. Revista **PZZ**. Belém. P. 6-67. Outubro e novembro de 2008, à p. 18.

<sup>47</sup> PARÁ, 2008, p. 22.

Cervantes. Após a libertação, Dalcídio voltou a participar da campanha contra o fascismo.

Mesmo com os movimentos de esquerda desarticulados e suas lideranças presas, o governo Vargas forjou um suposto plano para tomar o poder e assassinar vários líderes políticos, que ficou conhecido como plano Cohen. Na verdade tratou-se da criação de um pretexto para justificar a instalação da ditadura do Estado Novo, que durou de 1937 a 1945. Com a ditadura, foi deflagrada uma nova onda de perseguições, prisões e torturas sobre os movimentos e lideranças consideradas comunistas. O caso mais conhecido desse período é sem dúvida, a prisão de Olga Benário Prestes, esposa de Luis Carlos Prestes, que foi entregue à Gestapo mesmo estando grávida, vindo a morrer em um campo de concentração nazista.

Ainda em 1937, novamente Dalcídio Jurandir e as lideranças anti-fascistas no Pará são colocadas no presídio São José.

No Pará, nesse ano, foram novamente presos Dalcídio Jurandir e Ritacínio Pereira (irmão de Dalcídio), Henrique Santiago, no presídio São José, enquanto Pomar e outros viram-se na contingência de passar à clandestinidade. Alfredina, irmã de Dalcídio, também participava, embora disfarçadamente, da vida política, levando bilhetes de Dalcídio e Ritacínio a ativistas políticos de esquerda, e chega a ser apresentada a Luis Carlos Prestes em Belém, pelas mãos do irmão. Em 1937, também aos onze meses de idade, morre Alfredo, seu primeiro filho.<sup>48</sup>

Os períodos de aprisionamento e a morte do primeiro filho marcam profundamente o espírito de Dalcídio. O peso da dor e do sofrimento se tornaram marcas constantes em seus escritos. Mas será sempre um pessimismo mediado pela esperança de recriação e transformações. A possibilidade de uma nova humanidade, e de uma nova sociedade dirigida pela solidariedade também são esperanças presentes a mover seus escritos e sua luta íntima.

---

<sup>48</sup> PARÁ, 2008, p. 25.

## O sonho de Alfredo

Ao final de *Três Casas e um Rio*, o menino Alfredo finalmente realiza o sonho alimentado pela mãe de romper com o destino de miséria inevitável no Marajó. Mudar para Belém significava alterar o próprio futuro e construir uma nova realidade. O sonho acalentado incluía a efervescência de uma cidade grande, o acesso aos estudos, e principalmente o contato com expressões culturais, com as quais tivera contato através dos livros e catálogos colecionados por seu pai, o Major Alberto. Essa inquietação de alma é descrita ao final do terceiro romance, como um turbilhão de pensamentos e sentimentos que o assolam ante a contemplação de sua chegada ao cais de Belém.

...visão de Belém tão dispersa e vária quanto concentrada e fixa no coração do menino. (*Três Casas*, p. 392)  
Mas respirava o ar da manhã, ar da cidade, sinos, apitos, bondes, buzinas, campainhas do colégio. Avenida Gentil Bittencourt, 160. O cheiro de Belém era mesmo aquele que parecia sufocá-lo?  
A mãe lhe sorria, quieta como a fidelidade. Alfredo tocou-lhe o ombro e nele inclinou o rosto. Ah, se a sua querida mãe voltasse a sorrir como agora sorria, tranqüila como estava naquela manhã de chegada a Belém. (*Três Casas e um Rio*, p. 396).

Uma pergunta que brota naturalmente é, até que ponto, na descrição das expectativas do menino Alfredo, Dalcídio refere-se aos seus próprios sonhos e lutas para tornar-se alguém diferente do que o que o destino indicava. Por certo não há uma intenção auto-biográfica, mas o exercício de memória do autor busca nos dramas íntimos a matéria prima para refletir sobre os dramas existenciais caboclos, o inconformismo ante a fatalidade, a subjugação, a mediocridade e a miséria.

Aos 12 anos de idade o menino Dalcídio mudou de vez para Belém, indo morar com parentes. Matriculou-se no terceiro ano elementar do Grupo

Escolar Barão do Rio Branco. Três anos depois, em 1925 ingressou no tradicional Ginásio Paes de Carvalho, vindo a cancelar matrícula em 1927, sem concluir o segundo ano ginásial. Segundo o pesquisador Renato Gimenez, que teve acesso aos boletins escolares de Dalcídio<sup>59</sup>, as notas revelam um aluno no mínimo desinteressado pelos estudos regulares. Mesmo tendo conseguido ingressar num tradicional colégio público, fica evidente sua decepção e seu desânimo.

A inquietude e o inconformismo manifestam-se persistente na alma do “caboclinho” em busca de afirmação, de ser gente. Parte num navio para o Rio de Janeiro, então capital federal. Trabalha como lavador de pratos e colabora como revisor de uma revista, sem remuneração. Sem condições de manter-se, retorna frustrado à Belém no mesmo ano de 1928. Por amizade, Raynero Maroja empresta-lhe livros de autores clássicos portugueses e poetas nacionais. Fialho, Castilho, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Cruz e Souza, em também Balzac, que são lidos avidamente por Dalcídio. Pelo mesmo Raynero Maroja é nomeado para empregos públicos no baixo Amazonas, onde escreve a primeira versão de *Chove nos campos de Cachoeira*.

### **Ateu e materialista?**

Podemos afirmar que, para Dalcídio, a vocação literária é expressão dessa inquietude inconformada com o não ser. Há uma inequívoca busca que se realiza na determinação de ir onde for necessário para palpar os sonhos, seja Belém, Rio de Janeiro, ou de alguma forma alcançar o Transcendente. Dessa perspectiva convém avaliarmos sua opção ideológica, que por certo se afasta em muito do clássico materialismo dialético ateu, tão fortemente arraigado nos militantes comunistas de sua geração. Em Dalcídio a transcendentalidade está ligada de forma inexorável às suas opções e lutas ideológicas.

Para muitos autores, a literatura foi a expressão mais profunda de transcendência. O labor literário era a forma de Dalcídio transcender, pelo poder criativo das palavras. Entendemos a transcendência em Dalcídio Jurandir como uma transcendência de “pé no chão”<sup>60</sup>, utilizando uma expressão do próprio escritor. Sua transcendência não está do “outro lado” da vida ou da morte, mas encarnada na história e no movimento do dia a dia dos seres humanos. A penetração na subjetividade dos seres humanos, desvendando o que pensa e sonha o homem marajoara, permite a Dalcídio ir muito além das percepções usuais, pois tais percepções legam as populações caboclas a uma condição subjugada, destituindo-as de alteridade e dignidade. Por isso a transcendência dalcídiana é acima de tudo solidária e justiceira para com os deserdados. Dalcídio também transcende sua própria filiação ideológica. Sua transcendência significa buscar razões além do palpável e visível aos olhos. Por isso aventura-se a explorar a alma e os sentimentos humanos. Para ele, os dramas humanos encontram sua causalidade muito além das meras determinações e condições econômicas e materiais.

Dalcídio é um desbravador da alma humana e sua literatura traduz uma desmedida valorização da subjetividade do ser humano. Em seus romances estão presentes como característica marcante, os longos diálogos íntimos, em que se escancaram os sentimentos, os sonhos, as incompreensões, as frustrações e os sofrimentos mais profundos das pessoas. Nessa compreensão do ser humano, o escritor supera a tradicional visão de que os determinantes de ordem econômica são o único ou maior fator de sofrimento e infelicidade dos seres humanos. Os fatores materiais são determinantes, mas não são únicos. Há uma subjetividade latente. Há uma alma humana em busca de razões últimas.

Sem desconsiderar como determinantes ou secundarizar este aspecto material histórico, Dalcídio amplia a percepção para outros fatores, que em conjunto determinam o sofrimento. Razões que fogem à compreensão cabocla,

como as que se expressam na tragédia íntima de Eutanazio (*Chove*), na recusa à felicidade de Lucíola (*Três Casas*), na frustração pela inutilidade do herdeiro Missunga (*Marajó*), no retrato da indigência da casa de Seu Cristovão (*Chove*), dentre outros. Há questões de alma a serem explicitadas, nas quais Dalcídio realiza um mergulho revelador.

### **Conclusão: a religião em Dalcídio Jurandir**

Pergunta das mais pertinentes neste trabalho é a pergunta sobre Deus e a religião para Dalcídio Jurandir. Em *Três Casas e um Rio*, o menino Alfredo já manifesta tensões em relação ao catolicismo do pai, o major Alberto. “O pai teria que falar-lhe sobre a Bíblia, de seu Deus, o que o encheria de um vago terror, nada mais”. (*Três Casas*, p. 23). Mas refletia com frequência nas preocupações do pai com os progressos da ciência que ameaçavam a tomar o lugar de Deus na vida das pessoas. (*Três Casas*, p. 144-145).

Em *Chove nos Campos de Cachoeira*, Alfredo, em plena descoberta das coisas que a religião proíbe, se debate com questões de consciência. O menino já demonstra autonomia para contestar a religião que aprendeu com Lucíola:

Lucíola então lhe dera um mundo falso, mentiroso, complicado, cheio de Deus, muitos anjos, santinhos, fadas, anjos da guarda e demônios, cobras grandes, visagens, lubisomens, matintas, jucurututu e proibições de toda espécie. Em Deus acreditava. Era aquela figura da estampa no oratório que seu pai tinha. Não sabia bem se era Cristo ou mesmo Deus. (*Chove nos Campos de Cachoeira*, p. 310-311)

A liberdade de consciência em relação à religião está presente nas tensões religiosas descritas nos romances. Em *Chove nos Campos de Cachoeira* há um diálogo revelador sobre as tensões existentes entre a religião Católica oficial, marcada pelo movimento de romanização e as expressões sincréticas da religiosidade mística popular no Marajó. O escritor atribui a defesa do catolicismo ao Dr. Campo, juiz substituto, bêbado e corrupto, cujo discurso não

passa de uma retórica pobre, cujo conteúdo de fé não serve para aliviar o estado de sofrimento em que vive o povo pobre do Marajó. A crítica do escritor se faz pela boca de Eutanázio, para quem tal metafísica só serve para os vermes.

Vou te marcar uma noite para conversarmos sobre metafísica. Errei a vocação, Eutanázio. Eu era para ser Doutor da Igreja. Era para ter a *Suma Teológica* de cor! Mas quando houver luar falaremos longamente de metafísica no ponto do Salu. Beberás em honra da Idade Média uma cerveja e eu te falarei da metafísica e esmagarei os materialistas. (*Chove*, p. 225) [...]

E depois, só a *Imitação de Cristo* vale tudo. Leia a *Imitação*. Falaremos da metafísica e da miséria do homem sem Deus. [...] Sim, de Pascal. A miséria do homem sem Deus. [...] <sup>61</sup>

- E a miséria do homem sem dinheiro?

- Ih! Estás ficando materialista Eutanázio? Tu, um poeta! Um sensível?

- Mas pergunto, e a miséria do homem sem um tostão no bolso? Duma Felícia? (*Chove*, p. 226) [...]

Uma vontade de dizer desaforos, esbofetear, chamar de bêbado ao Dr. Campos. Tocar toda essa gente infame para a frente como porcos e levar para o cemitério. [...] Dr. Campos ensinaria metafísica para os vermes. (*Chove nos Campos de Cachoeira*, p. 228)

Em inúmeras situações Dalcídio cita a Bíblia como, por exemplo, numa discussão com D. Amélia em que o pai refere-se à arca e à embriaguês de Noé, chamando-a de “Noela”. A curiosidade do menino que busca o texto na Bíblia até encontrá-lo. (*Três Casas*, p. 137-138). Estes textos revelam que Dalcídio Jurandir tem familiaridade com os textos do cristianismo e da teologia cristã. As descrições das práticas religiosas populares demonstram sua percepção de que a religiosidade é parte constituinte inarredável da própria constituição humana. A busca pela transcendência é expressão de um sentimento de incompletude e fragilidade humana. A finitude e impotência ante os inúmeros dilemas da existência colocam o ser humano nessa eterna busca por si mesmo e pelo que lhe seja superior.

O menino desde cedo desconfia e rejeita os deuses formais de seu pai Major Alberto, de sua mãe D. Amélia e de Lucíola, entendendo-os como três

deuses contraditórios. O temor religioso que o incomodava revolvía-se entre as diferentes versões que lhe foram impostas, pareciam-lhes deuses diferentes a impor-lhe ininterrupta vigilância, diante dos quais nutria anseios de fuga e liberdade.

Deus era o inevitável, a realidade terrível. Mas havia o Pai do Céu de Lucíola, o Deus de Dona Amélia e o Supremo Criador do Major Alberto. Três deuses diferentes que complicavam cada vez mais a coisa. Se quisesse esconder-se do Pai do Céu de Lucíola, não escapava do Deus de D. Amélia e se deste escapasse caía direitinho nas mãos do Supremo Criador de Major Alberto. [...] Lucíola lhe transmitia o terror. Major Alberto o receio, D. Amélia lhe ensinara que esse Deus socorria a gente nas horas de frio e febre e outros perigos. Enfim uma complicação de muito Deus na sua consciência. (*Chove nos Campos de Cachoeira*, p. 311-312)

### Referência Bibliográfica

Asas da Palavra. n. 4. Belém: UNAMA, junho de 1996.

\_\_\_\_\_ n. 17. Belém: UNAMA, Junho de 2004

FURTADO, Marli Tereza. Universo Derruído e corrosão de Herói em Dalcídio Jurandir. Campinas: UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem. Tese de Doutorado, 2002.

INFANTE, Ulisses. Curso de Literatura da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 2001.

INOSTROZA. Elias Tomas Hernandez. Marajoando nas Águas do Fogo. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem, 2005.

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos Campos de Cachoeira. Edição Crítica. Rosa Assis (org.). Belém: UNAMA, 1998.

\_\_\_\_\_. Marajó. 3ª. ed. Belém: Cejup, 1992

\_\_\_\_\_. Três Casas e um Rio. 3. ed. Belém: Cejup, 1994.

PARÁ, Carlos. O Chão Vermelho de Dalcídio Jurandir. Revista PZZ. Belém. p. 6-67. Outubro e novembro de 2008.

PEREIRA, Helena Bonito. Literatura. Toda a Literatura Portuguesa e Brasileira. São Paulo: FTD, 2000.

**Trabalho enviado em 24/12/2014. Trabalho aceito em 24/08/2015.**